

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

Hoping as a verb: the IFSP Social Workers Collective and the collectivization of resistance

Maria Conceição Borges Dantas¹

Michelli Aparecida Daros²

Williana Angelo³

RESUMO

Este trabalho traz à tona a experiência do Coletivo de Assistentes Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Ao apresentar a origem deste Coletivo, sua composição, suas principais reivindicações e as particularidades inerentes à luta pelo direito social à educação, o artigo, apresentado na modalidade de relato de experiência, tem o propósito de provocar reflexões acerca da importância da organização da categoria profissional de assistentes sociais nas lutas coletivas. Conclui-se que as lutas coletivas constituem fator fundamental para o avanço do exercício profissional de assistentes sociais criticamente e historicamente situado.

Palavras-chave: Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP; Educação Profissional e Tecnológica; Direito à Educação.

ABSTRACT

This paper brings to light the experience of the Collective of Social Workers at the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo (IFSP). By presenting the origin of this Collective, its

¹ Doutora e Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Assistente social, do IFSP-Campus São Paulo desde 2013, educadora popular e uma das organizadoras do livro: Serviço Social e Educação Profissional e Tecnológica. Editora Cortez, 2019.

² Doutora e Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Assistente social do IFSP desde 2011, com atuação no Campus São Paulo e reitoria. Coorganizadora e coautora do livro: Serviço Social e Educação Profissional e Tecnológica. Editora Cortez, 2019. Autora do livro #falaestudante! Um estudo sobre o legado da expansão dos institutos federais aos seus estudantes. Editora EDUC, 2023.

³ Doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Assistente Social do IFSP - Campus Salto desde 2014, integrante do GEPESSE. Pesquisadora da dimensão político-pedagógica e do trabalho socioeducativo de assistentes sociais.

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

composition, its main demands and the particularities inherent in the struggle for the social right to education, the article, presented as an experience report, aims to provoke reflections on the importance of organizing the professional category of social workers in collective struggles. It concludes that collective struggles are a fundamental factor in advancing the professional practice of social workers situated in a critically and historically way.

Keywords: IFSP Social Workers Collective; Professional and Technological Education; Educational Right.

1. INTRODUÇÃO

Se você que nos lê neste momento é assistente social, certamente como nós gosta de um bom “causo”. E este texto é exatamente sobre isso, um “causo” sobre esperançar e resistir, pois como Paulo Freire, temos em nós a esperança como verbo; o esperançar como ato coletivo e não como espera, um desejo de, em conjunto e com solidariedade de classe, construir nossas resistências e um novo jeito de ser e fazer em sociedade.

E quando dizemos nós, não estamos nos referindo apenas às escritoras deste texto, mas de representantes de um grupo de profissionais do serviço social que atuam num campo sócio-ocupacional que por si só é solo popular do cultivo de esperanças, em seus múltiplos sentidos: a educação formal. Aqui especificamente a educação profissional e tecnológica, particularmente o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, cenário do nosso caso sobre esperançar.

Os Institutos Federais (IFs) integram a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), e foram criados pela Lei n.11.982 de 2008. A ação do Estado em torno da educação profissional vem se construindo historicamente desde 1909, com a criação das escolas de Aprendizes Artífices. Atualmente os IFs oferecem cursos que vão desde a Educação Básica (Ensino Médio integrado ao Técnico, os cursos técnicos concomitantes ou subsequentes e o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja) até os cursos de nível superior, sendo tecnólogos, licenciaturas, bacharelados e os de pós-graduação lato-sensu ou stricto-sensu.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

No Instituto Federal de São Paulo (IFSP), a grande expansão da presença de profissionais de Serviço Social data da década de 2010 e está diretamente ligada à promulgação do Decreto nº 7234/2010 que institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil e da Lei nº 12.711/2012, que regulamenta o ingresso nas universidades e institutos federais por meio do sistema de reserva de vagas.

O trabalho profissional deste(a) profissional tem se centrado no planejamento, gestão e execução da Política de Assistência Estudantil, permeado de contradições, desafios e potencialidades, conforme pesquisa realizada por Dantas (2020).

Desta forma, pode-se dizer que a categoria de assistentes sociais foi se constituindo como um ator fundamental nas disputas em torno da Assistência Estudantil. No IFSP, a organização coletiva de assistentes sociais resultou na constituição do “Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP”.

2. O COLETIVO DE ASSISTENTES SOCIAIS DO IFSP

Assim, podemos começar a nossa história... esse Coletivo expressa a tentativa de construir resistências frente os desmontes na política de assistência estudantil, seja no cenário nacional quanto institucional, assim como contra os limites institucionais que oprimem a reduzida autonomia profissional na correlação de forças institucionais, buscando com isso fortalecer o Serviço Social na instituição.

Em 2016, diante da conjuntura nacional do golpe jurídico-parlamentar-midiático que depôs a presidenta, eleita democraticamente, Dilma Rousseff, - que tem como consequência os desmontes das políticas públicas, repercutindo na educação, como uma de suas faces, através do desfinanciamento da política de assistência estudantil -, os(as) profissionais do serviço social se articularam e decidiram por se constituir enquanto Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP, e o fizeram publicamente através de um manifesto. Neste documento:

(...) o grupo denunciou o golpe contra a presidenta eleita democraticamente e se posicionou contrário a possíveis ações autoritárias e de desmonte na Política de Educação, em especial em relação à AE [*Assistência Estudantil- grifos nossos*], destacando a importância de fortalecimento das organizações coletivas para enfrentar os tempos difíceis que viriam. (DANTAS, 2020, p. 239)

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

A partir desse marco, o Coletivo inicia um processo continuado e independente de formação do grupo e busca se consolidar como um coletivo de resistência e tensionamento técnico e político pelo direito à educação. Como forma de se fortalecer, neste momento inicial, foram realizados encontros entre os(as) profissionais de Serviço Social do IFSP, assim como buscou-se participar de encontros, seminários que tratassem da temática Serviço Social e Educação, com destaque para a participação do grupo nos seminários do GEPESSE.

Outro ponto que merece destaque são os documentos que têm sido produzidos pelo coletivo. No final de 2016, o grupo elaborou uma carta de apoio ao movimento estudantil que ocupou o IFSP devido aos desmontes anunciados na Política de Educação, que repercutiram diretamente no projeto de formação destes(as) estudantes. Em 2017, foi publicado um novo manifesto se posicionando de forma contrária a extinção da Coordenadora de Assistência Estudantil, setor responsável pela gestão da política de assistência estudantil na Reitoria do IFSP, que ocorreu sem nenhum diálogo com os(as) profissionais que atuavam diretamente com esta política e trazia indícios de um enfraquecimento da AE, tanto no que se refere à gestão quanto à execução da política. (DANTAS, 2020)

Uma de nossas últimas publicações, de extrema relevância política e técnica, de caráter independente, sem reconhecimento jurídico-formal, foi escrita, logo no início da pandemia do Covid 19, mostrando a preocupação com o cenário de crise econômica, política e sanitária que viria a afetar a vida dos(as) estudantes, e se refere ao parecer consubstanciado que dá respaldo técnico e conceitual para a manutenção dos auxílios financeiros aos(às) discentes.

O referido parecer foi apoiado por profissionais da base e profissionais de referência na formação da categoria e apresentado para a gestão do IFSP, com positiva repercussão na manutenção de auxílios (como, por exemplo, o auxílio transporte) em tempos de isolamento social, uma vez que a permanência estudantil perpassa o direito à vida e à saúde dos(as) estudantes; o que pactuava com a abordagem sindêmica⁴ no enfrentamento ao Covid-19, no âmbito da educação. O IFSP na ocasião aprovou uma instrução normativa com as orientações para a continuidade dos auxílios e a forma de execução.

⁴ A abordagem sistêmica compreende que a natureza “da ameaça que enfrentamos exige não apenas tratar cada aflição, mas também abordar urgentemente as desigualdades sociais subjacentes que as afetam, ou seja, a pobreza, a moradia, a educação e a raça, que são fatores determinantes poderosos da saúde. (BOTTALLO, 2020, apud MATTA et al, 2021, p.47)

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

O Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP é a expressão de que diante dos limites institucionais postos à relativa autonomia profissional no processamento do nosso trabalho, a via de resistência é buscar no movimento articulado da categoria (não exclusiva e unicamente) as formas de resistir e tensionar. Trata-se de um grupo heterogêneo, em que os níveis de participação na tomada de posição política da categoria, no âmbito institucional, se dão em medidas distintas. Assim, o Coletivo, por se tratar de uma mobilização independente com traços de militância, congrega alguns aspectos objetivos relevantes entre aqueles que ali estão integrados: uma identificação dos(as) profissionais na luta por uma educação que dialogue com o projeto ético-político da categoria.

Como nos lembram Ramos e Santos (2018), participar politicamente não é uma derivação automática de ser assistente social. É, pois, “uma prática construída em ambiente coletivo, que demanda vontade individual, tempo e condições forjadas no cotidiano [...]” (RAMOS; SANTOS, 2017, p. 257). Na contemporaneidade, em que processos de precarização, terceirização, flexibilização e informalidade do trabalho (RAICHELIS; ARREGUI, 2021) assolam o cotidiano de trabalhadores(as) (e também de assistentes sociais), é raro encontrar algum (a) assistente social que disponha de tempo livre “ideal” ou “favorável” para participar de fóruns, coletivos, movimentos sociais, ou mesmo, compor instâncias e colegiados dos conselhos profissionais e outras entidades da profissão. Todavia, ainda assim, parte considerável da profissão reconhece a importância das lutas coletivas e primam pela sua inserção em lutas coletivas.

Reconhecemos que as(os) assistente sociais do Coletivo são trabalhadoras(es) que têm uma participação ativa, em maior ou menor grau, no campo das disputas institucionais, com uma postura reflexiva, que expressam uma representação legítima da categoria profissional no IFSP e cuja participação nesse Coletivo (sem caráter jurídico-formal) representa em si uma escolha política, por mais que o envolvimento nesse espaço possa se expressar mais como observadora, eventualmente, do que como proponente de enfrentamentos. Somos majoritariamente mulheres, com apenas um integrante do sexo masculino no quadro total, estamos lotadas nos *campi* e setores da Reitoria pelo estado de São Paulo, em sua maioria uma única profissional⁵ por *campus*.

⁵ Apenas os Campus de São Paulo, Itapetininga e Cubatão contam com mais de uma assistente social, os demais apenas uma profissional, bem como os que aguardam concurso para inserção desse profissional.

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

A forma de comunicação mais usual entre o Coletivo é o uso do aplicativo de comunicação “Whatsapp”, no qual contamos com 31 participantes. A ausência do total de assistentes sociais no grupo é multifatorial, como profissionais em afastamento para qualificação e que optaram por afastar-se temporariamente do grupo, assistentes sociais que deixaram o grupo do Coletivo por motivos de saúde e/ou pela dinâmica pessoal e de trabalho.

Consideramos que os(as) que ali permanecem tem esse meio como um espaço, ainda que virtual, de trocas profissionais, de acolhida mútua e de resistências, ainda que parte não participe ativamente questionando, discutindo, propondo ou contrapondo. Porém, se sentem parte do coletivo, observam, acompanham o movimento captando sua representatividade ou discordância, desfrutando de todas as possibilidades que ele traz. Estar no Coletivo é fazer uma escolha política.⁶

Lutar requer identificação, reconhecimento das experiências, que ainda que vividas individualmente são expressões de experiências coletivas. Como bem reforça Tiriba (2018), toda experiência individual é experiência coletiva; na busca para se resistir às sucessivas crises do capital, as experiências vividas se expressam como experiências de classe (diríamos ainda de gênero, de raça, dentre outras) e assim requerem uma certa dose de empatia e afeto. Afinal, “não podemos pensar que, para mantermos a objetividade, devemos ocultar a emoção.” (MARTINELLI, 2012, p.27).

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar que a participação de assistentes sociais em lutas coletivas, impreterivelmente atravessadas pelas lutas de classes, torna-se elemento fundamental para a atualização de uma agenda crítica no âmbito do Serviço Social, consonante com a perspectiva de “Intenção de Ruptura”, já anunciada por Netto (1991). É a partir da inserção em lutas coletivas que as lutas sociais e demandas da classe trabalhadora tornam-se nítidas à profissão. É, pois, a partir de um diálogo crítico com as lutas das classes trabalhadoras e sua agenda pela luta por direitos que o projeto ético-político do Serviço Social se torna mais abrangente e denso, com maior incidência sobre as condições reais da população brasileira. (RAMOS; SANTOS, 2017)

Assim, entendemos que momentos coletivos de luta são fundamentais na profissão, mas também sabemos que espaços de luta precisam ser espaços de acolhimento. Nesse

⁶ Nesta parte do texto constam trechos da tese em construção da co-autora Williana Angelo.

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

sentido, considerando que estaríamos participando do III Seminário Internacional de Serviço Social na Educação e VII Fórum do Serviço Social na Educação, realizado pelo GEPESSE, em Franca, momento especial, de reencontros após um longo período de isolamento social e de atividades remotas, decidimos discutir em conjunto pautas e demandas que nos são tão caras, buscando também propiciar um espaço acolhedor, seguro e afetivo, e para isso, como um bom costume no Brasil, propusemos um “cafezinho” e um “dedim de prosa” para estreitar as relações e reconhecer-nos(as) uns(umas) nos(as) outros(as).

Assim, o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP tomou para si a iniciativa de fazer um convite público para um café coletivo no espaço de reuniões reservado na programação⁷ do III Seminário Internacional de Serviço Social na Educação, ocorrido na UNESP – Franca no período de 7 a 9 de novembro de 2023.

FIGURA 01: Convite para Café entre Profissionais dos IFs



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

O convite foi publicizado via aplicativo de comunicação (WhatsApp) nos grupos nacionais de serviço social na educação e no grupo assistentes sociais dos IF's, além da

⁷ A reunião foi realizada no horário reservado na programação do Seminário, a saber no dia 07/11, no período vespertino, nomeado como “Atividade Autônoma de Mobilização dos participantes do evento”, cuja finalidade era promover um espaço institucional para articulações e mobilizações de pesquisadores/trabalhadores da área.

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

divulgação em perfis públicos do *Instagram* (rede social): coletivo de assistentes sociais do IFSP e confabulações de assistente social, com muitos compartilhamentos em perfis pessoais de profissionais da área. Um recurso que potencializa as redes sociais como estratégias de ampliar e fortalecer resistências na luta coletiva.

Tínhamos uma expectativa discreta quanto ao número de participantes para a atividade, sabíamos que havia muitas questões que envolviam a possibilidade de participação: dificuldade de se deslocar pelo Brasil para estar presencialmente no café comunitário, a realização de encontros simultâneos com pautas igualmente importantes que ocorreriam no evento e o próprio desafio de participar dos processos de resistências e manter viva a resiliência em tempos históricos tão desafiadores.

Porém, tivemos uma grata surpresa! Pouquinho a pouquinho as/os profissionais foram chegando, com alegria e quitutes. Companheiras(os) vindas(os) de quatro das cinco regiões do país, 24 participantes estiveram presencialmente. E como esperançar e afetar (no sentido mais bonito de ter afeto) requer flexibilidade para proporcionar o acolhimento de quem deseja participar, ainda que sem poder desfrutar de um docinho, um suco e um abraço, abrimos uma sala virtual pelo *Google Meet* (aplicativo de chamada de vídeo), com presença de mais profissionais. Além da presença de assistentes sociais inseridas no contexto dos IFs, houve também a participação de assistentes sociais que atuam em universidades públicas e privadas, que guardam preocupações semelhantes no que se refere às pautas que elencamos para o encontro, em especial, sobre as categorias assistência estudantil, permanência estudantil e o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Assim, do Piauí ao Paraná, presencialmente ou do Brasil a França⁸, virtualmente, trocamos afetos e confabulamos sobre o futuro.

FIGURA 02- Café comunitário das assistentes sociais da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica! Debater os desafios, construir resistências!!!

⁸ No total tivemos a participação de 28 profissionais (24 presenciais e 04 virtuais), sendo 06 de universidades federais, 01 de universidade privada, demais eram pertencentes à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Representantes das regiões nordeste (Piauí, Bahia), centro-oeste (Mato Grosso), sudeste (Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro) e sul (Paraná e Santa Catarina). Uma das participantes virtuais da Rede Federal se encontrava Grenoble - França, por ocasião do doutorado sanduiche; tempo e espaço não são barreiras para luta.

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

3. UM CAFÉ E AS FRENTE DE LUTAS PARA TECER O AMANHÃ

No espaço do Café, foram escolhidas as pautas que seriam debatidas pelas(os) profissionais presentes. Atentas às principais demandas institucionais no âmbito dos processos de acesso e permanência dos(as) estudantes das instituições federais de ensino, as(os) profissionais se debruçaram sobre três pautas centrais, destacadas a seguir.

a) **Atualização sobre as condições de trabalho nos IFs e o andamento da luta pela execução da lei de 30 horas para a profissão;**

Importante resgatar que nós, assistentes sociais, do executivo Federal, ainda não temos garantida a efetivação da Lei nº 12.317, de 26 de agosto de 2010 que institui a carga horária semanal de 30 horas para assistentes sociais. Por isso, neste ano de 2023 está ocorrendo uma ampla mobilização da categoria para retomar a luta pela efetivação desta Lei em âmbito Federal.

Diversas têm sido as ações em torno desta pauta. Inicialmente, houve a formação de grupos de assistentes sociais, com representantes das inúmeras instituições do executivo federal, entre elas, IFs e Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) - para organizar, realizar e espalhar as atividades em torno desta pauta. Também foi realizada a escrita de um documento, assinado por inúmeros profissionais de Serviço Social, que tem sido apresentado a diversos representantes do atual governo (ministros e o próprio Presidente), do mesmo modo têm sido realizados contatos e reuniões com deputados(as) de todo o Brasil para apresentar nossa pauta e solicitar apoio e fortalecimento na luta.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

Como forma de divulgar as ações e fortalecer o engajamento da categoria foi criada uma página no Instagram intitulada “30 horas, já!”, que atualmente conta com mais de 2000 seguidores(as). O engajamento nas redes sociais tem sido uma estratégia para dar visibilidade à pauta, assim como para alcançar mais pessoas.

O espaço do café serviu para sanar dúvidas sobre essa articulação nacional, assim como trazer atualizações da pauta e reforçar a importância de fortalecermos a luta nesse momento, uma vez que avaliarmos estarmos em um bom momento histórico para materialização deste direito.

b) As alterações referentes à Lei 12.711/2012 e ao Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES).

O Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e a Lei 12.711/2012 têm se constituído como bastiões das políticas e estratégias de acesso e permanência de estudantes na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. A Lei n. 12.711/2012, conhecida popularmente como a "Lei de Cotas", completou um decênio de existência em 2022 e, como previsto, passou por um processo de revisão após esse período (BRASIL, 2012). Em 13 de novembro de 2023, a Lei 14.723/2023 alterou dispositivos importantes na Lei de Cotas, sendo destaques importantes:

- 1) a inclusão de quilombolas aos grupos com reservas de vagas nas instituições federais de ensino;
- 2) a alteração da renda familiar per capita - de 1,5 salário-mínimo per capita para 1,0 salário-mínimo per capita- para candidatos que se situam no percentual de vagas reservado por critérios econômicos;
- 3) A prioridade de recebimento de auxílio estudantil nas instituições federais de ensino por estudantes optantes pela reserva de vagas no ato da inscrição do concurso seletivo que se encontrem em situação de vulnerabilidade social.

A inclusão de quilombolas junto às vagas reservadas para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência foi considerada uma conquista frente às reivindicações das comunidades tradicionais quilombolas, que não tinham asseguradas a sua especificidade no texto da antiga Lei. A alteração referente ao teto de renda per capita que permite o acesso às vagas reservadas nas instituições federais de ensino, assim como, a necessária prioridade de *Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.*

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

estudantes ingressantes via reserva de vagas para o recebimento de auxílios estudantis foram eixos de debate para o grupo de assistentes sociais presentes.

Acompanhando e denunciando o processo de subfinanciamento do PNAES em curso desde 2015 (PRADA E SURDINE, 2018), as assistentes sociais presentes expuseram a inquietação nevrálgica que têm sido presente nos IFs, sem exceção: “como fomentar ações de apoio à permanência escolar com um orçamento tão diminuto?” Outra preocupação das profissionais presentes foi em relação aos procedimentos institucionais para a inclusão de estudantes que se inscreveram para a reserva de vagas nos programas e políticas de assistência estudantil, uma vez que, na maioria dos IFs não há ainda integração entre dados, fluxos e procedimentos entre a Lei n. 12.711/2012 e o PNAES.

Ainda, no âmbito do PNAES, o grupo informou que há uma proposta em curso, liderada pela parlamentar Alice Portugal⁹, a respeito da criação da Política Nacional de Assistência Estudantil, ato que impactaria na atual configuração do PNAES. As profissionais presentes expressaram a sua indignação em relação à não-participação de setores da categoria profissional, que cotidianamente trabalham com os programas de assistência estudantil e juntamente aos(as) estudantes das instituições federais de ensino, no processo de reconfiguração/revisão do PNAES.

c) Elaboração técnica de “Parâmetros para atuação na Educação Profissional e Tecnológica”

Ao discutir sobre o trabalho profissional de assistentes sociais, em especial na realidade dos IFs, apesar de termos colegas no grupo de outros espaços sócio-ocupacionais, retomou-se uma discussão sobre a importância de reconhecermos as particularidades do Serviço Social na Educação Profissional e Tecnológica.

Vivemos uma grande inserção destes(as) profissionais nesta modalidade de educação, em especial na década de 2010, tendo como principal demanda a gestão, planejamento e execução da assistência estudantil. Desde então, para além do atendimento das demandas institucionais, que hoje tem se centrado na realização da análise socioeconômica para fins de concessão do auxílio financeiro, há também uma diversidade de ações profissionais sendo realizadas no âmbito da pesquisa e extensão, assim como atividades que dialogam com os

⁹ Para mais, ver AGÊNCIA CÂMARA d(2023): <https://www.camara.leg.br/noticias/1012803-camara-aprova-projeto-que-cria-a-politica-nacional-de-assistencia-estudantil/>

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

próprios eixos de atuação (acesso, permanência, qualidade e gestão democrática) previstos no documento: “Subsídios para atuação de assistentes sociais na política de educação”(CFESS, 2012).

Nesse sentido, dialogamos que talvez fosse necessário e fundamental a construção de um documento específico, inclusive em articulação com o próprio Conselho Federal de Serviço Social, sobre as particularidades do trabalho profissional de assistentes sociais na educação profissional e tecnológica, inclusive possibilitando que possamos discutir os pontos nevrálgicos de nossa atuação profissional neste espaço sócio-ocupacional, como por exemplo o processo de concessão dos auxílios financeiros, sua burocratização e descaracterização, por vezes, da análise socioeconômica, como instrumento de garantia de direitos.

Ao fim da discussão das pautas, encaminhamos pela criação de um grupo via aplicativo de comunicação (*WhatsApp*) para darmos continuidade aos trabalhos. A ideia é se dividir em subgrupos para materializarmos as ideias surgidas no encontro.

O encontro foi extremamente salutar, um espaço de trocas, acolhidas, dissonâncias e concordâncias, que marca um momento de retomada das lutas coletivas, mesmo frente a um cenário de total esgotamento físico e mental, reflexo ainda de governos extremamente conservadores, assim como da própria vivência da Pandemia do Covid 19. Temos um caminho que volta a ser reconstruído!

FIGURA 03: Espaço de acolhida e novas relações. Na luta ninguém dorme!



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

CONCLUSÃO

Hoje, respiramos a esperança de uma possível reconstrução no âmbito dos institutos e universidades federais. Porém, é sempre válido lembrar que ainda convivemos com os efeitos de um anti-intelectualismo neoconservador, exacerbado no Governo Jair Bolsonaro, que dirigiu ataques à ciência, e, conseqüentemente, às universidades e institutos federais. Não podemos perder de vista também de que, no âmbito dos IFs, experienciamos há anos os efeitos do subfinanciamento da política de educação, que não foge à lógica do financiamento das políticas sociais brasileiras em tempos neoliberais de "ajuste fiscal permanente" (BEHRING, 2018), mas que também sofreu novas determinações resultantes da Emenda Constitucional n. 95/2016, que limitou o teto de gastos durante o período de 20 anos para educação e outras políticas públicas. Em um cenário fundado pela adversidade e disputas em torno do financiamento, concepção, projeto e direcionamento da política de educação no Brasil, **esperançar torna-se um verbo e lutar torna-se um imperativo.**

Nesse sentido, todas as lutas coletivas são necessárias e cruciais para as disputas em torno dos projetos educacionais e para a defesa do direito à educação e seu alargamento em um horizonte democrático, que possa suscitar construções emancipatórias. No âmbito da educação brasileira, são diversas as frentes de lutas coletivas, é, pois, fundamental que – ainda que imbuídas de particularidades regionais, territoriais, institucionais – as lutas coletivas pela educação estejam articuladas em suas reivindicações, organização e mobilização. Foi nesse sentido que o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP promoveu o "Café comunitário com assistentes sociais integrantes da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica", com o objetivo de identificar as principais reivindicações existentes e unificar esforços de organização e mobilização em torno das pautas: condições de trabalho de assistentes sociais na Rede Federal EPT; alterações nas políticas de acesso e permanência nos IFs (PNAES e Lei de Cotas) e, por fim; a necessidade da **elaboração de “Parâmetros para atuação na Educação Profissional e Tecnológica”**.

Ao analisar a atuação e as particularidades do Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP, reconhecemos a importância da articulação da categoria profissional nos espaços institucionais e reafirmamos a importância de que as suas bandeiras e frentes de lutas estejam entrelaçadas com movimentos sociais e demais sujeitos coletivos da sociedade civil, lugar privilegiado da luta de classes. (FONTES, 2021)

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

REFERÊNCIAS

BEHRING, E. R. Neoliberalismo, ajuste fiscal permanente e contrarreformas no Brasil da redemocratização. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, 1(1), 2018.

BRASIL. Decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm> Acesso em 04 dez. 2023.

BRASIL. Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm> Acesso em: 04 dez. 2023.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Câmara aprova projeto que cria a Política Nacional de Assistência Estudantil. Brasília, 31/10/2023. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1012803-camara-aprova-projeto-que-cria-a-politica-nacional-de-assistencia-estudantil/>> Acesso em 01 dez. 2023.

CFESS. Subsídios para a Atuação de Assistentes Sociais na Política de Educação. Brasília: CFESS, 2012.

DANTAS, Maria Conceição Borges. O trabalho de assistentes sociais na Educação Profissional e Tecnológica: desvelando seu processamento no Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Tese (Doutorado em Serviço Social). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduados em Serviço Social, 2020.

FONTES, V. Sociedade civil e luta de classes em Gramsci. Curso de Extensão Antonio Gramsci. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Axs1P87lpYY&t=5994s>> Acesso em 01 ago. 2023.

MARTINELLI, M. L. (Org). Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 2012, 2ª ed.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021.

NETTO, J. P. Ditadura e Serviço Social. Cortez Editora, 1991.

PRADA, T.; SURDINE, M. C. A assistência estudantil nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. *Ser Social*, v. 20, n. 43, p. 268-289, 13 nov. 2018.

RAICHELIS, Raquel; ARREGUI, Carola C. O trabalho no fio da navalha: nova morfologia no Serviço Social em tempos de devastação e pandemia. *Revista Serviço Social & Sociedade*, p. 134-152, 2021.

RAMOS, S. R. R.; SANTOS, M. M. Projeto profissional e organização política do Serviço Social brasileiro: lições históricas e lutas contemporâneas. IN: DE OLIVEIRA, M. L. (Org.)

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.

O Esperançar como verbo: o Coletivo de Assistentes Sociais do IFSP e a coletivização das resistências

Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo. Cortez Editora, 2017.

TIRIBA, Lia. Fios Invisíveis Do(S) Mundo(S) Do Trabalho: A Experiência À Lupa. In Magalhães, Lívia Diana R.; Tiriba, Lia. Experiência: o termo ausente? Sobre história, memória, trabalho e educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.